

## EXPECTATIVA DE VIDA E CAUSAS DE MORTE DE CÃES (CANIS FAMILIARIS) NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP, BR.

**Bruna Araújo de Amorim, Henri Bentubo Donnaruma.**

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Ciências da Saúde, Avenida Shishima Hifumi, 2911,  
Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos- SP, Brasil, vetbrunaaraujo@outlook.com,  
henribentubo@univap.br.

### Resumo

O conhecimento das causas mais comuns de óbitos pode auxiliar na adoção de medidas preventivas e na educação dos tutores, promovendo saúde e longevidade canina. Objetivo: Realizar um levantamento de idade e causas de morte de cães nesta cidade. Para a obtenção de dados foram realizadas abordagens, aleatoriamente, de transeuntes na rua para participar da pesquisa. Critérios de inclusão: Animais da cidade de São José dos Campos falecidos entre 2013 até 2023. O projeto experimental dessa pesquisa foi submetido ao CEP e está em análise. Resultados: Causas de morte: neoplasia (65 casos), doenças infecciosas (39), doenças cardiocirculatórias (27), doenças metabólicas (24), senilidade (24), intoxicação (23), doenças congênito hereditárias (13), traumatismo (9), doenças neurológicas (9), doenças ortopédicas (3), hipertermia maligna (2), morte durante cirurgia (2), morte dando à luz (1). Causas de morte não sabidas (13). Muitos tutores não sabiam que existe prevenção para as doenças relatadas. Boa parte dos animais não fazia acompanhamento com médico veterinário e nem sempre as doenças concomitantes são conhecidas. Conclusão: A maioria morreu de forma natural, somente 18% foram eutanasiados. A maioria dos animais da pesquisa é fêmea. O porte mais visto foi pequeno. O animal mais velho é uma fêmea Cocker Spaniel de 22 anos. A maior parte dos animais falecidos eram idosos. A média de idade de morte é de 10,7 anos.

**Palavras-chave:** Causas de morte; Longevidade; Expectativa de vida.

**Área do Conhecimento:** Medicina Veterinária.

### Introdução

O envelhecimento é um processo longo, gradual e irreversível. É de dentro para fora. O envelhecimento do corpo leva às falhas nos sistemas orgânicos. Os sistemas vão apresentando falhas que evoluem para danos e com o tempo chegam ao seu comprometimento. O comprometimento de sistemas leva ao falecimento do ser. Existem medidas e hábitos que podem auxiliar para que as falhas nos sistemas ocorram mais tardiamente. E existem hábitos que contribuem para que essas falhas nos sistemas corporais ocorram mais precocemente. Fatores como estresse, má nutrição, falta de exercício (sedentarismo), doenças hereditárias, ambiente desfavorável, doenças infecciosas e parasitárias, por exemplo, aceleraram este processo de envelhecimento, podendo causar morte prematura. A fim de que se possa intervir de maneira eficiente nisso é de fundamental importância a realização de estudos que estabeleçam os parâmetros de expectativa de vida e as causas de morte mais comuns.

Vários estudos foram realizados através dos anos, tentando descobrir qual a causa de morte mais frequente com a qual a comunidade veterinária, bem como os tutores deveriam se preocupar. Animais recebidos pelo laboratório de patologia veterinária da Unijuí (Rio Grande do Sul) analisou por meio de necrópsia 13 cães e as causas de morte observadas foram: asfixia por corpo estranho, tumores, edema pulmonar, peritonite, endocardiose, ruptura uterina por piometra (Zambom et al., 2013). O estudo de Batista et al. (2016) realizado na Universidade Federal do Piauí analisou as causas de morte de 361 cães de 2009 a 2014, onde se verificou que 23% faleceram por distúrbios infecciosos, 14% por doenças degenerativas, 10% por distúrbios circulatórios e 8% por neoplasias.

Esses estudos, apesar de serem específicos com os animais das universidades, eles puderam informar um balanço sobre as causas de morte e alguns até fizeram um balanço sobre as idades que

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

os animais tinham ao vir a óbito. Esses dados são muito importantes para que a comunidade profissional consiga saber quais doenças circulam pela cidade e quais idades estão mais em risco, para que se crie medidas preventivas dessas doenças e formas de conscientizar os tutores.

Apesar de São José dos Campos ser a principal cidade do Vale do Paraíba, ainda não existe nenhum estudo sobre o tema nela. A cidade possui zona urbana e zona rural, fica perto do litoral e de São Paulo. Possui ambientes variados com uma população com diferentes formas de viver e de criar animais. É necessário a realização de um estudo para se conhecer a população canina das regiões, sabendo as causas de morte mais comuns e até que idade esses animais conseguiram viver. Esse estudo pode servir de base para outros, para medidas preventivas e para melhorar a qualidade de vida dos animais. O objetivo desse trabalho será o de levantar a idade e causas de morte de cães domésticos (*Canis familiaris*) na cidade de São José dos Campos (SP); identificar quais as raças mais comuns e quais as doenças mais comuns, onde a comunidade profissional pode se atentar mais e orientar melhor os tutores.

## Metodologia

Com a finalidade de compor uma amostra que contemplasse diferentes estratos populacionais, serão coletados dados procedentes de tutores residentes de diferentes regiões do município, todos selecionados aleatoriamente, e que concordem em participar da pesquisa. Será considerado satisfatório um número de 250 entrevistados. Nenhuma restrição será considerada quanto à idade na data do óbito do animal.

Para tanto, um questionário será respondido pelo próprio tutor que receberá instruções quanto ao seu preenchimento. Sendo os dados colhidos diretamente dos tutores, a causa de morte do animal será relatada por eles, não necessariamente sendo validada por médicos veterinários. Serão considerados aptos a participar do levantamento apenas cães que morreram entre 2013 e 2023.

Para todos os animais serão pesquisadas as seguintes informações: raça, idade na data de ocorrência do óbito, sexo, causa da morte e ocorrência de morte natural ou por eutanásia.

Todos os dados serão compilados em tabelas para que possam ser analisados e padronizados por meio de agrupamentos separados por categorias. Para tanto, os animais incluídos na pesquisa serão divididos segundo seu porte físico, levando-se em consideração seu peso em quilogramas ou raça, independentemente da idade, em porte pequeno (para animais com peso médio de 8,5kg); porte médio (para os de peso médio de 22kg); porte grande (para aqueles com peso médio de 47kg), segundo a Classificação de peso oferecida pela American Kennel Club e utilizada no estudo morfológico de Bruna Appelt (2018).

Para classificar os animais segundo as causas de morte serão empregados os seguintes grupos: traumatismos; doenças infecciosas (englobando aquelas causadas por bactérias, vírus e fungos); doenças parasitárias; intoxicações (tanto as de origem acidental quanto as criminosas ou medicamentosas); neoplasias; senilidade (mortes naturais pelo envelhecimento); doenças metabólicas (referentes às enfermidades que interferem diretamente no metabolismo global do organismo, incluindo as insuficiências renal e hepática, entre outras); doenças cardiocirculatórias (abrangendo todas as doenças determinantes de insuficiência circulatória); doenças neurológicas; doenças congênitas e/ou hereditárias e as ortopédicas (nas quais foram incluídas as doenças osteoarticulares, excluindo-se as fraturas que ficaram no grupo dos traumatismos), conforme descrito na literatura (BENTUBO et al., 2006).

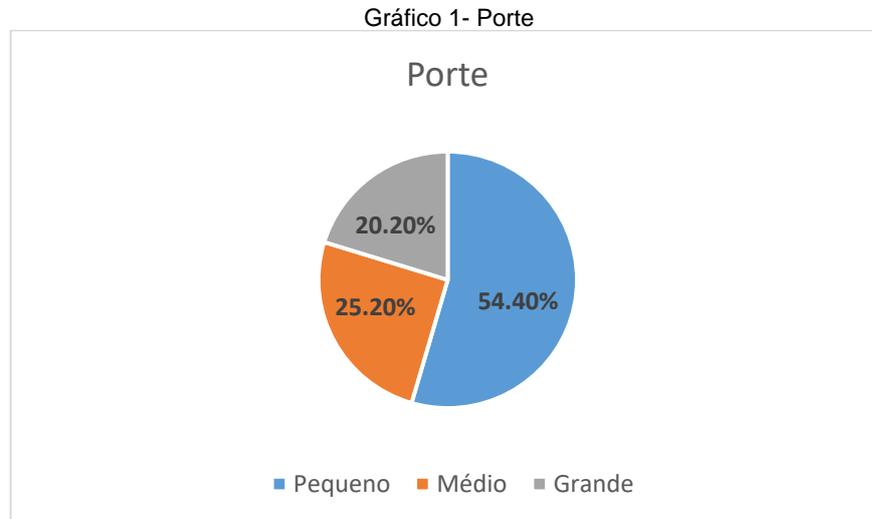
## Resultados e Conclusão

**Raças encontradas:** srd (77 animais), poodle (20 animais), yorkshire terrier (22 animais), pinscher (16 animais), shi tzu (12 animais), lhasa apso (11 animais), maltês (10 animais), border colie (7 animais), pitbull (7 animais), rottweiler (7 animais), dachshund (7 animais), Cocker spaniel (6 animais), golden retriever (5 animais), labrador (5 animais), boxer (4 animais), pastor alemão (4 animais), spitz alemão anão (4 animais), bulldog francês (4 animais), basset hound (3 animais), schnauzer (3 animais), dálmata (3 animais), chihuahua (2 animais), fox paulista (2 animais), pug (2 animais), akita (1 animal), pastor belga (1 animal), stafordshire bullterrier (1 animal), chow chow (1 animal), blue heeler (1 animal), sharpei (1 animal), cane corso (1 animal), west highland terrier (1

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

animal), bulldog americano (1 animal), bulldog inglês (1 animal) , shiba inu (1 animal), pastor suíço (1 animal), bull terrier ( 1 animal) e beagle (1 animal).

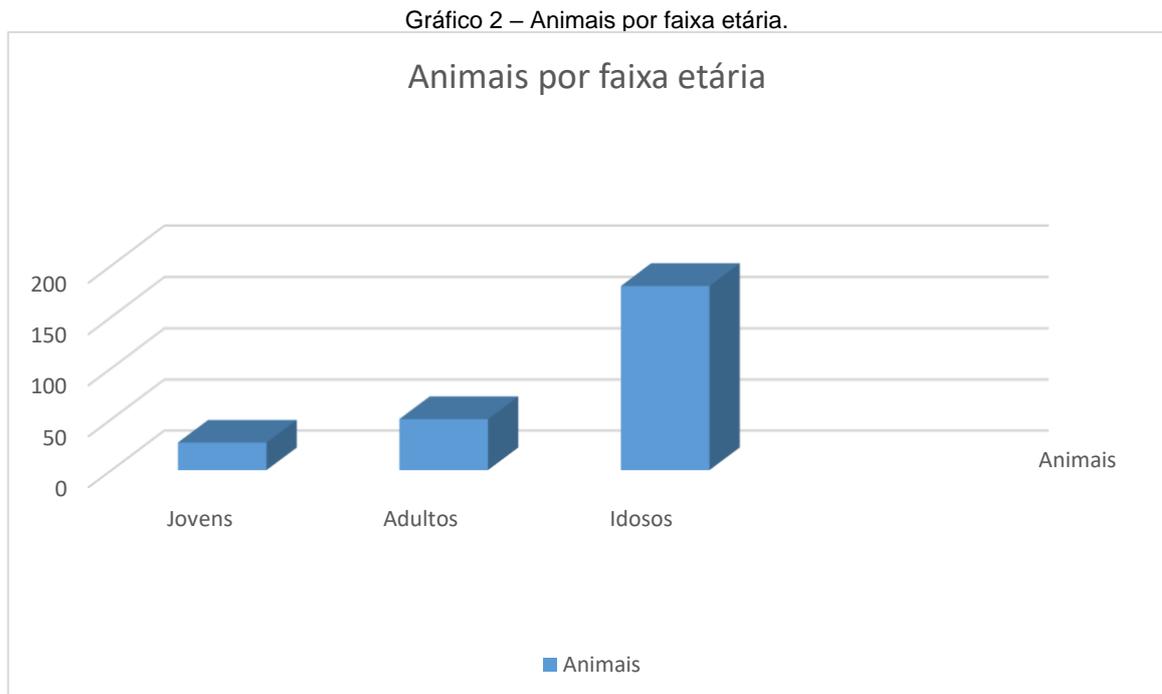
**Balanco de porte:** Cálculo de porcentagem de porte de animais mortos. Pequeno porte= 140 animais, Médio porte= 65 animais, Grande porte = 52 animais.



Fonte: Criado pela autora.

**Balanco de sexo:** cálculo utilizando todos os animais da pesquisa, de todas as idades. 53,9% eram fêmeas. 46,1% eram machos.

**Balanco de idade:** O mais velho tinha 22 anos, uma Cocker spaniel fêmea. O mais novo tinha 1 dia de vida (SRD). Dividi os animais por categorias: jovens: de 0 a 1 anos. Adulto: de mais de um ano até 7 anos. Idoso: de oito anos até a morte. 27 animais eram jovens, 50 animais eram adultos e 180 animais eram idosos.



Fonte: Criado pela autora.

## A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

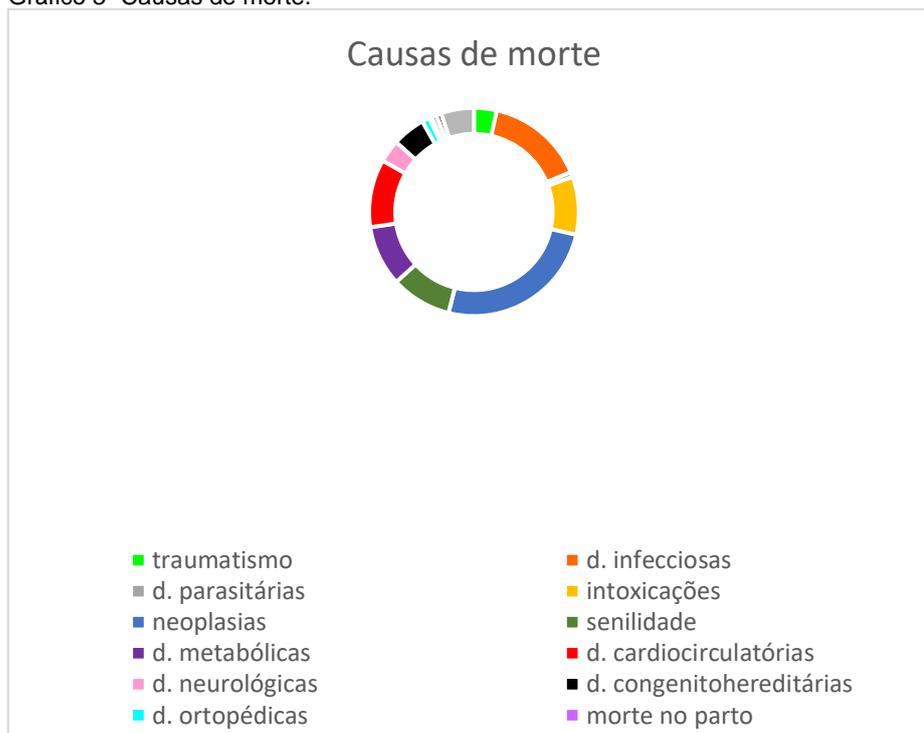
**Natural vs eutanásia:** 81,7% foi morte natural, correspondente a 210 casos. 18,2% foi eutanásia, correspondente a 47 casos. 78,6% conseguiram levar numa veterinária, já 21,4% nem chegaram a levar (muitos falaram que não levaram porque não deu tempo, já encontraram o animal falecido, outros alegaram falta de dinheiro, outros sabiam que o animal já estava em estado terminal e não havia mais o que pudesse ser feito).

O animal que mais viveu foi uma fêmea Cocker spaniel (porte médio) de 22 anos. Dentre os idosos, 78 eram machos, que corresponde a 43,3% e 102 animais eram fêmeas, que corresponde a 56,6%.

**Causas de morte:** foram divididas em grupos a seguir: neoplasias (65 casos), com destaque para tumor de mama, de pele, de fígado e linfoma; doenças infecciosas (39 casos) com destaque para sepse, doenças do carrapato que muitos tutores não sabem distinguir entre erliquiose de babesiose, por isso foram agrupadas e chamadas de doença do carrapato nesta pesquisa; doenças cardiocirculatórias (27 casos), senilidade (24 casos), doenças metabólicas (24 casos) com destaque para insuficiência renal crônica; intoxicações (23 casos) com destaque para as intoxicações por medicamento de uso humano, medicamentos veterinários em sobredose e envenenamentos criminosos; doenças congênitas/hereditárias (13 casos) com destaque para colapso de traqueia; lúpus eritematoso sistêmico, torção vólculo-gástrica e intestinal, desvio portossistêmico (shunt); doenças neurológicas (9 casos) com destaque para morte durante convulsão; traumatismo (9 casos) com destaque para os atropelamentos e quedas; doenças ortopédicas (3 casos); doenças parasitárias (2 casos) que foram berne e leishmaniose; morte durante cirurgia (2 casos); hipertermia maligna (2 casos); morte dando à luz (1 caso); causas não sabidas (13 casos).

As idades dos animais somadas deu o valor de 2535,51, para achar a média, dividi pelo número de animais com idade sabida pelos tutores (235 animais), que deu a média de 10,78 anos. Alguns tutores relataram não saber a idade do animal nem em anos nem em meses, principalmente se tratando de animais muito velhos ou de animais resgatados de rua. Mas sabiam informar se era animal idoso, adulto ou filhote. Esses animais entraram na pesquisa de causa de morte, mas não entraram na pesquisa de média de idade. Então de acordo com o cálculo, a média de vida de um animal na cidade de São José dos Campos é de 10 anos.

Gráfico 3- Causas de morte.



Fonte: criado pela autora.

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

## Discussão e Conclusão

Foi muito difícil conseguir os dados dos tutores, precisava de longas conversas para que conseguisse descobrir a causa de morte, pois muitos não sabiam dizer qual era. Alguns sabiam todos os problemas de saúde que o pet tinha, mas vários não faziam acompanhamento da saúde do animal. Dos animais que faziam acompanhamento médico, os tutores sabiam todas as doenças concomitantes e a causa principal de morte.

Muitos tutores acreditam que a única vacina que o animal precisa é a raiva. Eu perguntava se o animal tinha tomado todas as vacinas e a pessoa dizia que sim. Mas quando eu perguntei quais vacinas tomou, as pessoas só falavam da antirrábica. Quando eu pergunta se a vacinação estava em dia, muito diziam que sim. Então troquei a pergunta para: quando foi a última vez que vacinou seu pet? As respostas eram de anos atrás. Cinomose e parvovirose são as principais causas de morte de animais jovens. Erliquiose e babesiose foram tratadas juntas como doença infecciosa nesta pesquisa, pois muitos tutores não sabem especificar qual foi e apenas relatam como doença do carrapato. A maior parte das doenças infecciosas da pesquisa é de infecção bacteriana e sepse. A maior parte das intoxicações é medicamentosa, por produtos de uso humano. Também houve intoxicação por medicamento veterinário em sobredose, intoxicação alimentar e em menor quantidade as intoxicações criminosas que ocorriam em passeios em praças e por comida jogada no quintal de casa. Alguns tutores relatam que até foram ameaçados por vizinhos, antes da morte do pet. Com a morte do pet, fizeram boletim de ocorrência, mas nada foi feito por parte da polícia. Os envenenamentos foram na região sul da cidade. A maior parte da população canina da pesquisa é de cães sem raça definida. A maior causa de morte é neoplasia, que muitos tutores não tratavam. Os mesmos tutores que deram medicamentos humanos para seus cães nutriam sentimentos ruins pelos veterinários que atenderam seus pets. Acreditavam que não eram competentes por deixarem os animais morrerem e os chamaram de mercenários pois queriam interná-los e fazer exames. Isso me fez perceber que falta muita comunicação entre os veterinários e os tutores porque esses tutores não tinham consciência da gravidade de oferecer remédio que pegaram do posto de saúde humana para seus cães e acreditavam que não tinham responsabilidade pela morte do animal.

Com isso, pode-se concluir que a condição financeira dos tutores influencia na qualidade de vida e longevidade do animal, pelo que eles podem oferecer. Muitos não ofereciam vacinas ao seu pet por negligência, falta de condições financeiras e/ou falta de conhecimento da existência e importância da vacina. Alguns foram responsáveis por causar a morte do próprio animal, por falta de conhecimento. Já temos um caso de morte por leishmaniose na cidade. Também há caso de morte em cirurgia de castração. A maior quantidade de raças são de porte pequeno por limitação de espaço. Alguns tutores estão traumatizados pela forma como os animais morreram e como foram tratados por veterinários e alegaram não querer mais criar cães. Precisamos melhorar a comunicação da classe profissional com os tutores e conscientizá-los sobre a possibilidade de cura do paciente ou não, bem como poderia prevenir aquela enfermidade, para que a situação não se repita no futuro com outro animal.

## Referências

APPELT, Bruna. **Estudo dos atributos morfológicos e comportamentais de raças de cães registradas no mundo de 2006 a 2016**. Curso de zootecnia. Centro de ciências agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis- SC. 2018.

BATISTA, Emanuelle Karine Frota et al. Estudo retrospectivo de diagnósticos *post-mortem* de cães e gatos necropsiados no setor de patologia animal da Universidade Federal do Piauí. Universidade Federal do Piauí. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 88-96, 2016.

BIEZUS, Giovana et al. Ocorrência de parvovirose e cinomose em cães no Planalto Catarinense. **Revista de ciências Agroveterinárias**. Universidade do Estado de Santa Catarina. 2018.

BENTUBO, Henri Donnarumma Levy et al. Expectativa de vida e causas de morte em cães na área metropolitana de São Paulo (Brasil). **Ciência Rural**, v. 37, n. 4, p. 1021-1026, 2007.

## A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

FRADE, Maria et al. Doenças do sistema nervoso central em cães. **Pesq. Vet. Bras.**, v. 38, n. 5, p. 935-948, maio 2018. DOI: 10.1590/1678-5150-PVB-5100.

MARASCHIN, Daniele Kneip. **Intoxicação em cães**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015.

LACERDA, Maria et al. Estudo retrospectivo sobre fraturas causadas por traumatismo radiodiagnosticadas no setor de radiologia do hospital veterinário da UFRPE no mês de dezembro de 2012. XIII jornada de ensino, pesquisa e extensão – JEPEX 2013 – UFRPE: Recife, 09 a 13 de dezembro/2013.

MARIA A. C. B. E.; Siqueira A.; Salvagni F. A.; Maiorka P. C.; Óbitos de cães e gatos durante procedimentos de banho e tosa: uma realidade pouco conhecida no Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 13, n. 2, p. 24 – 29, 2015.

MICHELL, A.R. Longevity of british breeds of dogs and its relationships with sex, size, cardiovascular variables and disease. **Veterinary Record**, v.145, n. 27, p.625- 629, 1999.

PARANHOS, N.T. **Estudo das populações canina e felina em domicílio, município de São Paulo, 2001**. 2002. 156p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Curso de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

TREMORI, Tália. **Cães e gatos: expressão das lesões em intoxicações criminais**. Universidade Estadual Paulista. Campus Botucatu. 2015.

ZAMBOM, Daniela et al. Causas de morte e razões para eutanásia em animais domésticos. XXI Seminário de iniciação científica. UNIJUÍ. 2013.